Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: O Estado de São Paulo Class.:
Data: 12.05.81 Pg.:

Cidades e Serviços

190

Queixas e Reclamações

Os índios guarani de Peruíbe

Sr.:

O Estado de S. Paulo, em sua edição de domingo, 26 de abril, publicou extensa matéria sobre os índios guarani de Peruíbe, e, como essa matéria inclui agressões à minha pessoa, solicito, por uma questão de justiça, espaço suficiente para responder a investida.

Ignoro quem seja o autor ou autora da matéria. Não sei se a senhora Aurora Lanzillota, que assina um tópico bastante agressivo na parte superior da página 26, escreveu também o restante. É provável. Seja como for, respondo.

O bananal que está sendo implantado com grande dificuldade no posto Peruíbe (única forma de libertar o índio da pobreza crônica e assim mesmo aos poucos) nada tem a ver com o índio Bento Samuel. Aliás, esse índio nem sequer tomou parte no projeto de bananicultura do posto e jamais esteve em Brasília para garantir ao "chefe maior" da Funai que plantaria 56 mil pés de banana. Pobre Bento! Tudo isso é fantasia do índio e ingenuidade (ou má fé) de quem registrou o que ele disse. O bananal está sendo implantado de acordo com o projeto da delegacia da Funai em Bauru e não poderia ser de outro modo, já que implica em uso de recursos da União. O projeto (modesto, precário, rudimentar) não poderia ser desenvolvido a partir de uma conversa do presidente da Funai com um índio velho do posto. Só mesmo um antropólogo, no seu absoluto despreparo, seria capaz de imaginar uma cena desse tipo, isto é, o presidente da Funai acertando detalhes de um projeto com o Bento Samuel... Voltando à realidade: as famílias que se engajaram no projeto foram mantidas pela delegacia (Funai) durante todo o tempo da limpeza do terreno, da aberuta de covas, do plantio de mudas, etc... Agora, essas mesmas famílias estão recebendo os lotes, os pequenos bananais, com a condição de mantê-los em ordem, limpos e bem cuidados. A produção é dos índios e não da Funai. Negócio de pai para filho. Se algum índio, por negligência, desinteresse, má vontade, ou qualquer outro motivo (como Bento Samuel) não quis ingressar no projeto, a culpa não é do delgado, não é da Fuani: é do índio.

O autor faz também uma crítica severa ao estado das habitações indígenas e nisso estamos de acordo. As casas de Peruíbe estão realmente feias, em mau estado. Serão substituídas por outras melhores quando a delegacia obtiver recursos especialmente destinados à construção de casas para índios. Sem isso, é impossível. A delegacia não emite papel moeda, não fabrica dinheiro. Quanto à luz, que ainda não beneficiou diretamente os índios, lembro que a Cesp, atendendo a um ofício assinado por mim, estendeu a linha até a sede do posto, em 1979, sem ônus para a Funai. As casas dos índios receberão esse melhoramento quando estiverem em condições de recebê-lo. O mais importante, ou seja, a linha principal, já foi conseguida.

Sobre os "guerreiros guaranis" de Peruíbe, faço uma observação sensata: não existem "guerreiros guaranis" em Peruíbe, nem em parte alguma do mundo... Que enorme tolice! Afirmativas como essa colocam o índio aculturado em posição ridícula. Guerreiros! Tratemos o problema do índio com o respeito e a seriedade que merece. É mais humano.

Quanto à idade da "reserva indígena" de Peruíbe esclareço que não foi transformada em reserva "há 11 anos" como diz erradamente o (a) autor (a) da matéria. Não. O posto indígena Peruíbe (ou "reserva", como queiram) foi criado em 1928 pelo então presidente do Estado de São Paulo dr. Júlio Prestes de Albuquerque. Passou para a jurisdição da delegacia da Funai em Bauru no mês de agosto de 1977 e, nesse período, isto é, 1977/81, conseguimos afastar da área o intruso (civilizado) que, além de ocupar 30 alqueires, mantinha lá dentro um alambique de cachaça; conseguimos também afastar outros civilizados e mestiços de terceira e quarta geração que promoviam constantes desordens no interior da "reserva"

E mais: reformamos o ambulatório do posto, melhoramos a assistência, plantamos o bananal e obtivemos, como já foi dito, a extensão da linha da Cesp. Os guaranis estão na área Peruíbe—Itanhaém desde 1856. Eu disse 1856 e pergunto — o que fizeram por eles desse ano até 1977? Que eu saiba, nada, exceto a criação da "reserva". Mas confesso que não consegui operar nenhum milagre. De resto, no trato com índio, apenas os antropólogos realizam milagres — escrevem uma tese, um trabalhinho qualquer e ganham bolsa de estudo na Europa, e isto, como é do conhecimento geral, sempre trouxe e continua trazendo largos benefícios para todos os silvícolas do País. **Álvaro Villas Boas**

N. da R.: A reportagem não inclui agressões ao sr. Álvaro Villas Boas, apenas contraria algumas de suas informações. O tratamento de "guerreiros" dado aos índios guarani não visa ridicularizá-los. O cacique Bento Samuel está lúcido e suas argumentações são lógicas. O Projeto Bananal prevê luz elétrica e água encanada, mas os índios reclamam, efetivamente, melhores condições de saúde para sua proteção. A luz foi obtida sem ônus para a Funai, mas se constata na área que não foi a Cesp e sim o chefe do posto, Walfrido Silva, quem fez a ligação por conta própria.